

ESTADO DE ESCUTA

ADALBERTO GEOVANI NUNES CORRÊA¹; ADRIANE HERNANDEZ²
(ORIENTADORA);

¹Universidade Federal de Pelotas – geovanimestrado@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Prof^a colaboradora do PPGAV- Universidade Federal de Pelotas 2 -- hernandez_adri@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Estado de escuta é um estado de atenção. Um estado sensorial, que diz respeito ao corpo como potência, como um filtro que absorve o mundo do exterior para o interior. Minha pesquisa está amparada em torno de uma produção prática – em áudio e vídeo - motivada pelas experiências com o cotidiano, seguida de uma reflexão e produção teórica, a partir dos processos criativos e de referenciais teóricos e artísticos. Como objetivo inicial, busco provocar e propiciar um entendimento e imersão com trabalhos audiovisuais, a partir dessa produção prático-teórica.

O trabalho mais recente da minha produção, que servirá como base para a pesquisa de mestrado, chama-se *Repositório dos Sentidos*. Possui cerca de trinta minutos, mantém um padrão de ritmos ditados pela lentidão visual das cenas, atravessado por sonoridades e ambiências de lugares, instrumentos, objetos e outros identificadores. Deste trabalho, surgiram os primeiros apontamentos a serem analisados. A primeira parte aconteceu com a criação de uma lista de imagens e sonoridades a serem capturadas. Esta lista foi criada sem saber ao certo como seriam feitas essas capturas, mas, cada tópico possuía uma lembrança de grande valor registrada pelas minhas vivências. Com uma câmera fotográfica digital, que captura imagem e som, e alguns dispositivos que capturam somente som, passei algum tempo coletando os itens da lista junto a outros tantos, pesquisados e extraídos de instrumentos, músicas e de oportunidades em momentos específicos. Como exemplo dessas capturas extras, aponto o som de um helicóptero sobrevoando meu bairro, os ensaios gravados e as sonoridades compostas com a banda que toco, e a permanência breve em locais que visito. Da primeira coleta, passando pela criação de um banco de dados, repleto destes fragmentos, até o desenvolvimento e conclusão deste trabalho, passaram-se 8 meses. Estando no fluxo dessa longa produção, sem a total compreensão do que eu estava fazendo, comecei a nomear, separar, escolher e compor com esses fragmentos. Através de um computador, comecei a editar esses materiais, naquele momento eu acreditava que cada escolha estaria acontecendo de maneira instintiva. Com o passar do tempo, esse trabalho começou a ser compartilhado com alguns amigos, em minha banca de TCC, e também, em um canal na internet. Ao ser questionado sobre a duração do trabalho, sobre os métodos e escolhas de cada detalhe sonoro e visual, entrei em uma etapa reflexiva. Comecei a refletir sobre quais eram as verdadeiras motivações ou necessidades de passar tanto tempo em processo nessa produção e o porquê de cada escolha, de cada detalhe.

Não por acaso, passei a compreender melhor meu comportamento diário, no passado e encontrei um hábito comum desde a infância. Observar calado, permanecer calado, compreender calado, até ser questionado sobre o silêncio.

Esse hábito, algo que hoje considero uma espécie de bom vício, faz com que eu sempre tenha um grau maior de experiência com as coisas, seja um local, um som, uma atmosfera de um ambiente, uma pessoa, é sempre disparado por uma contemplação. Dessas análises surgiram inquietações, desses hábitos que se tornaram vícios, surgiu o título dessa pesquisa.

Estado de escuta é um estado de atenção, seja ele visual, sonoro, tátil, olfativo ou gustativo, o que interessa aqui é uma condição de se permitir experienciar a partir do novo, de ser afetado por algo ou alguém. De sofrer uma desterritorialização, de interpretar situações a partir de um outro ponto de vista, do devir, do outrar-se. Diariamente somos afetados pelos ruídos da cidade, pela poluição visual. Nos alimentamos, sentimos o cheiro das coisas, e também, a temperatura e textura do que está ao nosso redor, através do corpo. Observo então, que meu cotidiano e as trocas com o meio onde estou, impulsionam uma primeira etapa em minha produção. Seguido de um momento de captura de sons e imagens desse cotidiano, e ainda, um momento de edição, através do computador, no qual aproximo a ideia inicial e o processo com o resultado final.

Dessa maneira, minha produção ainda em fase inicial, tenta dar conta de uma poética que teça relações com questões ligadas ao corpo como um mediador de nossas experiências, atrelada aos processos técnicos e criativos tão impregnados dessas experiências, e também, no uso das linguagens artísticas, de áudio e vídeo, como dispositivos de provocação a percepção. Busco ainda, gerar mecanismos que propiciem uma compreensão teórica e imersão sensorial para trabalhos artísticos em audiovisual.

2. METODOLOGIA

Após concluir a graduação senti necessidade de trabalhar a redução no uso das imagens e começar a explorar sonoridades. Como primeiro objeto de análise desta pesquisa, utilizo o trabalho *Repositório dos Sentidos*. Ao qual perpassam todas as questões já citadas na introdução.

O olho cansa, cansa pois observa demais, absorve sem intenção, é invadido em sua passividade pela poluição visual. No meu caso, como um agravante, existe o uso excessivo de imagens no que tange o campo das artes, seja produzindo, ou consumindo, além das imagens que habitam o cotidiano. Tanto quanto as imagens, sonoridade também existe como poluição. Por conhecermos indireta e instintivamente infinitos sons - acumulados desde a infância -, diferente das imagens, estes sons, nos atingem a percepção de maneira invasiva e criam suas próprias imagens, não necessitando de nenhum outro dos sentidos para produzi-las. Dessa maneira, sendo a audição um sentido deflagrador de imagens, penso uma produção em arte sonora que atenda a essa especificidade de absorção, sem abandonar o uso das imagens.

Interessa então, o cruzamento entre as duas linguagens, tecendo assim as relações que me ponho a analisar. Uma dessas relações surge como um processo de restituição ao significado da imagem, acionada a partir de outros meios, ou reforçadas por ela própria. Nesta direção, trabalharei com a ideia de *mínimo* para a imagem. Esse *mínimo* está ligado a repetições, com cenas longas, contínuas, desaceleradas, de maneira que exploro visualmente sutilezas, afim de que provoque uma quebra no ritmo visual, permitindo observar o todo de cada cena e não somente o fluxo temporal através de um tema principal. Outros modos de utilizar a imagem podem contribuir com esta ideia, penso no uso da palavra ou

de objetos para dialogar com o som em uma instalação, fotografias em vez de vídeos, ou ainda, uma intervenção sonora sem imagens.

Investigando em meu trabalho as possibilidades geradas desde a captação até a finalização do trabalho, algumas relações de equivalência se deram da seguinte maneira: é possível utilizar somente imagem e imagem, som e som, para gerar conteúdos que possuam sentido e as intenções que desejo. Por se tratar de uma produção individual, durante a captação da imagem, em algumas escolhas determino qual atmosfera será apresentada, a partir de velocidade, enquadramento, plano, ângulo, cor ou ritmos visuais em cada cena. Com o áudio, existem formatos diferentes de captura, ou, de produzi-lo. Um formato que me interessa é, gravar simultaneamente imagem e som, criando um recorte temporal mais próximo do real. Este recorte me permite redefinir qual qualidade darei a essa imagem ou a esse som no momento da edição. Utilizando microfones ou gravadores, de um modo geral, tornou-se possível gravar a maior parte dos sons. Outro formato utilizado foi produzir sonoridades a partir de instrumentos musicais de cordas, de sopro e percussivos. Utilizei teclados sintetizadores e controladores de som com intuito de produzir algumas texturas ou ruídos digitais que não conseguiria gerar de outra maneira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos resultados obtidos nesta etapa inicial é que a imagem, neste formato reduzido, com seu uso mínimo, equivale a muitos sons. Em outras palavras, a partir de uma imagem em movimento, tento recriar a mesma atmosfera visual que absorvo, com diversas sonoridades. Eis que novos territórios surgem! O trabalho de som se torna amplo, de possibilidades alargadas em relação a um único recorte visual.

Entendo como o processo criativo do trabalho segue uma sequência ordenada em sua execução. Primeiro capturo som e imagem. Segundo, trato a imagem, a cor e o tempo. Terceiro, componho o áudio a partir do vídeo. Utilizando um termo do cinema, entendo então, que faço a *sonoplastia* a partir da sensação que o vídeo me provoca. Sensação gerada pela imagem e convertida em som. Esta imagem, a do vídeo, deixa de ser um recorte do real após ser manipulada em relação a cor e tempo de reprodução, tornando-se algo que pertence a ordem do onírico, do devaneio, do lúdico. O segundo ponto do processo em que exponho esse tratamento de cor e de tempo no vídeo, está relacionado diretamente à essa categoria de fábula. Esta relação acontece, porque minha tentativa é de aproximar as qualidades da imagem filmada, tal e qual minhas lembranças do momento real. O que a mente reproduz é o que tento colocar na imagem. Existe uma dimensão *fugaz* entre o momento vivido, o fragmento de vídeo gerado e a maneira como lembro esse momento. Com base no pensamento do autor MACHADO (1994), atento para uma novidade surgida em minha produção:

[...] O que importa é que, seja qual for o estatuto que conferirmos a essa instância geradora a que alguns dão o nome de imaginário, nós não temos nenhum meio de acesso a ela. A natureza nos deu um aparelho fonador, através do qual podemos exteriorizar os conceitos que forjamos em nosso próprio íntimo e através do qual podemos também nos comunicar uns com os outros, mas não nos deu, desgraçadamente, um dispositivo de projeção incorporado ao nosso próprio corpo, para que

podéssemos botar para fora as imagens de nosso cinema interior (MACHADO, 1994, pag. 9).

Considero a partir de então, a edição como uma ferramenta que *esculpe* a imagem e o som (TARKOVSKI, 2002) em minha produção, possibilitando a criação de uma atmosfera única. É a etapa em que se torna possível ter o nível mais alto de precisão em relação ao resultado desejado, e isso, baseado em meu cinema interior. Fica evidente nesta etapa, outra questão, de que todos os equipamentos utilizados tornam-se extensões do corpo.

4. CONCLUSÕES

Concluo até certo ponto, fazendo uma análise regressiva desta escrita, que só edito e componho um trabalho porque capturei as imagens e sons para ele. Só capturei estas imagens e sons, porque senti necessidade em um momento específico, e essa necessidade foi gerada pelo grau de impactação e experientiação com este momento. E, só alcancei este grau perceptivo porque me coloquei em um *estado de escuta*. Este estado é responsável direto pelo produto final de minha produção. O modo como percebo a vida está atrelado a minha expressão como artista, definindo a partir da poética uma atmosfera como identidade de meu trabalho. Se não tivesse proposto para meus dias maneiras diferentes de observar o *trivial* (GUIMARÃES, 2009) destes dias fugazes, não estaria chegando a esta primeira conclusão sobre como algumas coisas acontecem dentro de minha produção e pesquisa. Eis aqui as novas inquietações de um porvir, todas estas, que permanecem novas.

Agradeço à CAPES, à FAPERGS e ao PPGAV – UFPEL, pelo apoio e incentivo recebido desde o início nesta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP: Papirus, 1990.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Capítulo de livro

GUIMARÃES, Cao. Cao Guimarães. In: SCOVINO, Felipe. **Arquivo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. Cap. 2, p. 41 – 55.

Artigo

MACHADO, Arlindo. **As Imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica** In: Revista Imagens. n.3, Campinas: Editora da Unicamp, pag.8-14, 1994.

Documentos Eletrônicos

LARROSA, J. Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Acessado em 02 abr. 2013. Online. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe_digital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf